

# Política

CONSTITUINTE

voto-menor (ANC) ✓

Quando se trata de política e promessa de governante, eles têm posição firmada: desconfiam de absolutamente tudo. Se o governo ou os políticos dizem uma coisa, eles acham que por trás tem outra. "Por que eles iriam pensar na gente se estão lá ganhando muito bem o seu?" Desse poço de desconfiança e descrédito — cavado ao longo de anos pelos que estão no poder — não escapou sequer o voto para maiores de 16 anos que acaba de ser aprovado pela Constituinte: "Eles fizeram isso porque precisam de um novo contingente para explorar, porque sabem que os nossos pais não caem mais nas suas histórias".

Os culpados pela situação? Ulysses Guimarães e o PMDB. "Eles são os responsáveis porque foram eleitos e representam o governo. O Sarney é figurativo."

Os autores de tais julgamentos são os novos futuros eleitores. Dezesesseis jovens estudantes da 2ª e 3ª série da Escola Senai Suíço-Brasileira do bairro de Santo Amaro reunidos em torno de uma ampla mesa da biblioteca da escola. Eles passam o dia todo no Senai estudando mecânica de precisão, e dentro de dois anos estarão entrando nas faculdades ou sendo disputados por grandes empresas. Entre eles, há filhos de operários especializados e de pequenos empresários, um espectro que vai da classe média baixa à classe média alta. Em comum, eles têm a idade: maiores de 16 anos e menores de 18. E o privilégio de estarem podendo votar nas próximas eleições.

A maioria deles não pensa assim. "O jovem não tem nenhum interesse em votar", dispara Fúlvio, à direita da mesa. "O que eles estão querendo é ganhar mais votos." Frases de apoio ao colega partem de todos os lados. A de Igor consegue ser ouvida: "Eles resolveram explorar uma nova faixa etária". Gustavo vai além: "Com os alugueis disparando, os salários como estão, os adultos estão descontentes com o governo. Então os políticos acham que os jovens poderão ser melhor convencidos".

**"Nada vai mudar"**

Eduardo acha que tudo está "uma tremenda barderna", que ninguém tem candidato, que já está difícil para adulto votar, "então como é que a gente vai saber?" Ivã diz que os jovens estão despreparados e mal informados, "por isso vão votar em quem fizer maior campanha. Eles vão ser manipulados", adverte. Gustavo também pensa assim: "Tem tantos analfabetos, eles vão simplesmente votar como o pai votou, e vai se formar um ciclo vicioso. Nada vai mudar".

Quando se fala em voto do pai, a discussão esquenta, uns lembrando que "o Jânio está aí para ninguém esquecer a lição".



Foto: Emelín Fernandes/Carlos Rennó

## Nosso novo eleitor

São os jovens de 16 anos. Aqui um grupo da Escola Senai Suíço-Brasileira, em Santo Amaro. Todos eles desiludidos com a política e com os nossos políticos. E nem um pouco entusiasmados com o direito que acabam de adquirir.

Animos distendidos, os menos atentos conseguem a palavra. Uns defendem o voto para menores de 16, mas desde que se colque exigências, o primeiro grau completo, por exemplo. Marcelo acha fundamental que o jovem seja informado, mas aí o debate recende: informado por quem? No governo, eles não acreditam, dos meios de comunicação, eles desconfiam. Marcelo retoma a palavra: "Até agora o político não se

interessou pelo jovem, porque o jovem não significava voto. Daqui para a frente, eles vão prestar mais atenção na gente". Eduardo volta à cena: "Tudo bem, tudo bem, mas só votar não adianta. É preciso mudar o sistema de ensino, mudar tudo".

**Ulysses, Culpado**  
Rápida votação e dá empate: oito são contra o voto para maiores de 16 e oito são a

favor, com muitas ressalvas. Mas já que foi implantado, a maioria não vai fugir das urnas: 13 a 3. E os nomes começam a surgir, com muitas dificuldades: o governador Colôr de Mello, de Alagoas, e os deputados Afif Domingos e Luiz Ignácio Lula da Silva saem na frente, com dois votos cada. Funaro, Covas, Aureliano Chaves e Antonio Ermírio ficam com um voto. Ninguém ali votaria em Quercia, Montoro ou Ulysses. Eles

acreditam num slogan perigoso, segundo o qual, "pior do que está, não pode ficar".

A lista dos responsáveis pela situação do País — "chegamos ao fundo do poço", "nunca se viveu tão mal" — parece que sairia com mais facilidade, mas acabou enroscando num único nome: Ulysses Guimarães, representando seu partido, o PMDB. Onze dos 16 estudantes acham que ele é o principal culpado pela crise que o País atravessa. "Ele e o PMDB são os responsáveis pelo que está acontecendo", eles dizem. "Quem manda é o PMDB", afirma Gustavo. "O Sarney é apenas figurativo", acredita Robson. "Ele só serve para dizer 'brasileiros, brasileiras'", Fúlvio concorda: "Ele acha que o país é uma poesia".

No rol dos culpados, vão surgindo os nomes de Funaro, de Bresser, de Maílson da Nóbrega, mas há quem defenda os dois primeiros. "Todos os que quiseram mudar alguma coisa foram afastados", diz Alexandre. "Só os que não mudam nada permanecem." Eduardo tem uma sugestão: que o governo conceda um bom aumento para todos, o que aumentará as vendas, incentivará a produção, derrubando os preços, aumentando ainda mais as compras e gerando maiores impostos. Isso poderia mudar um quadro que já virou rotina em sua casa: o pai furioso com o salário baixo, os descontos do imposto de renda e os altos preços, e ainda mais furioso com os políticos em quem votou. Marcelo acha que melhorar as condições de vida da população não interessa aos que estão no governo. "Se a situação melhorar, a população vai tomar consciência do que realmente está acontecendo. E isso não é bom para o governo."

Esses 16 novos eleitores acham que, economicamente, seus pais viviam melhor do que eles. Entre eles, cinco tem videocassete em casa. Para todos — a maioria quer ser engenheiro mecânico — o futuro salário é fundamental: ninguém quer ganhar menos de 80 mil cruzados por mês, e pelo menos três acham que para se ter uma vida digna, com viagens nas férias e filhos em boas escolas, é preciso se ganhar entre 250 e 500 mil cruzados. Há entre eles, por exemplo, quem ache que os direitos sociais concedidos pela Constituinte — 120 dias para a gestante — é uma ilusão para o trabalhador.

Os futuros eleitores também refletem as contradições da sociedade masculina: mais da metade deles disseram que a virgindade é um atributo importante nas suas futuras esposas, mas pelo menos três entre eles exibiam as embalagens de preservativo que carregavam nos bolsos.

Aureliano Biancarelli

### Mas só votam se a nova Carta ficar pronta até junho

O Tribunal Superior Eleitoral-TSE começou a receber ontem centenas de telefonemas de jovens, com idade entre 16 e 18 anos, que desejavam, desde já, se alistar para ter direito ao voto nas próximas eleições, conforme aprovou o plenário da Constituinte. Enquanto isso, os partidos começam a montar estratégia para atrair esses jovens para suas legendas. A idéia básica da maioria deles é investir nos alunos das escolas de segundo grau.

Embora seja facultativo o voto do menor, com idade entre 16 e 18 anos, a expectativa é de que grande parte deles se apresente para o cadastramento, já que um dia após ser aprovada pela Constituinte os jovens começaram a tentar tirar seus títulos eleitorais, que só poderão ser obtidos após a promulgação da nova Carta. O Tribunal Eleitoral ainda não sabe o número exato de jovens nesta faixa etária mas acredita que esteja entre seis e oito milhões, segundo informações extra-oficiais colhidas junto ao IBGE.

#### O prazo

O prazo para o cadastramento eleitoral expira em dias antes das eleições, ou seja, a seis de agosto próximo, se forem confirmados os pleitos para os prefeitos, até então marcados para o dia 15 de novembro. Mas para que o TSE possa incluir esses jovens entre as pessoas aptas a votar, sem atropelos, seria necessário que a Constituinte terminasse seus trabalhos até o início de junho. Apesar de o TSE não fixar prazos, essa estimativa é feita porque é preciso que haja tempo suficiente para cadastrar esses jovens o que, segundo previsões, deveria durar pelo menos um mês. Fazendo o alistamento durante o mês de junho, haveria possibilidade de se estender qualquer trabalho adicional ainda pelo mês de julho, embora seja período de recesso.

#### Os políticos

Alheios a esses possíveis entraves, alguns líderes partidários já começaram a se mobilizar. O deputado Gastone Righi (PTB-SP) que, conforme revelou, possui hoje em seus quadros a melhor estrutura de arrematamento de jovens, pretende dar início a um trabalho de conscientização junto aos grêmios estudantis das escolas de segundo grau da mesma forma que vinham fazendo até agora nos diretórios acadêmicos, das universidades. "Queremos tornar a juventude trabalhista a mais forte do País — disse Righi — acrescentando que "intensificaremos os trabalhos junto aos colégios e nas comunidades".

O líder do PMDB no Senado, Mário Covas, acha que o partido terá que procurar uma linha para se identificar com os jovens, embora ainda não tenha traçado nenhuma estratégia. O deputado Hermes Zanetta (PMDB-RS), autor da emenda que permitiu o voto para o menor, disse que já vinha mobilizando este pessoal, através de contatos com os grêmios estudantis. Defendeu ainda a necessidade de se montar um setor jovem do partido em cada município, através de uma atitude eminentemente pedagógica, tentando a motivação. O PCB afirmou não ter uma política específica para lidar com o homem: "seria oportunismo" — disse o líder Roberto Freire.

#### Loucura

Há, entretanto, os que não estão preocupados com esses eleitores. É o caso, por exemplo, dos líderes do PFL, deputado José Lourenço, e do PDS, deputado Amaral Netto. Eles consideram uma loucura a aprovação dessa medida. "Criança deve estudar para se preparar para votar" — disse José Lourenço, acrescentando que vai lutar para derrubar esta proposta no segundo turno. Amaral Netto, por sua vez, lembrou que não existe direito sem dever e, por isso, não concorda que o menor que não tem deveres, que não responde pelos seus atos, tenha direito a votar: "Daqui a pouco vão formar uma quadrilha de meninos e meninas para fraudar eleição que, no final das contas, não poderão ser punidos por serem menores".



Juliana



Alexandre



Daniela

### Roberto fica sabendo que pode votar. E reage com um palavrão.

acaba desligando o rádio e coloca uma fita ou disco. Parece que tudo é feito de propósito para tornar o povo alienado", observa. "Alienação total do povo brasileiro gerada por um excesso de acomodação" é a definição de Alexandre Gomes de Queiroz para a caótica situação do País. "O povo brasileiro só se levanta para gritar gol. Os movimentos populares morrem no nascedouro por falta de participação social. Compete a cada um de nós lutar por um Brasil melhor", discursava enfaticamente sob os olhares de reprovação de alguns colegas. "Nos temos direito ao voto porque o que está sendo discutido hoje na Constituinte vai nos afetar diretamente no futuro", garante.

"Errar para acertar", é a tese defendida por Marcelo Costa, que não partilha da opinião de Alexandre quanto à alienação do povo brasileiro. "Nos somos frutos dos comandos e descomandos de toda uma geração. Falta-nos a experiência do erro que,

de repente, pode até se iniciar nas próximas eleições, agora que temos direito ao voto".

Direito de votar adquirido, surge a grande dúvida: eleger quem? Brizola e Antônio Ermírio foram os únicos lembrados. O ex-governador do Rio de Janeiro, apesar de tachado de populista teve como crédito sua administração, considerado boa pela maioria dos estudantes ouvidos.

"O Brizola desempenha corretamente as suas funções até por uma questão de vaidade pessoal. Ele é um egocêntrico que quer mostrar que é o melhor em tudo. Daí a minha esperança de ele colocar ordem na casa", analisa Alexandre Queiroz, santista de nascimento, mas até o ano passado morador no Rio de Janeiro, onde garante ter convivido com as benfeitorias implantadas pelo ex-governador.

Classificado como "apenas o menos pior", Antônio Ermírio de Moraes tem a seu favor, aos olhos destes futuros eleitores, o império Votorantim. "Se ele consegue administrar uma empresa daquele tamanho, que o torna cada vez mais rico, no mínimo deve entender de economia e pode ajudar o nosso País", diz Juliana Pinto.

Divergências à parte, o grupo de adolescentes foi unânime em um ponto: todos desejam deixar o País em breve e tentar a vida no Exterior. "Diante desse quadro sombrio, dessa total desesperança, sem nenhuma perspectiva de mudança, só me imagino fazendo as malas e buscando um pouco de equilíbrio em outra parte do mundo. Mas antes de ir gostaria de poder votar para presidente este ano. Será que vai dar?", indaga Roberto Nobiloni.

Sandra Moretti

**Os valores de nossas sociedades modernas tendem à exaltação da juventude. Sempre soa como reacionário e conservador, nas sociedades que valorizam a mudança, fazer restrições às medidas que tendem a favorecer os jovens, sinônimo do "novo". Minha impressão, apesar disso, é de que nem sempre o "novo" pode ser considerado como algo favorável à consolidação de uma ordem democrática, liberal e pluralista.**

Em muitas situações, essa ordem democrática — tolerante e às vezes conservadora — que tende a favorecer mudanças graduais e negociadas — tem sido atacada por diferentes modalidades de extremismo. Esse extremismo geralmente recruta amplamente na juventude. No passado, os jovens constituíram a principal força de ataque ao mundo liberal, "burguês". O fascismo italiano, o socialismo nacional alemão e o comunismo, apoiaram-se bastante sobre a juventude desiludida com a ordem liberal carcomida e reacionária.

Como já registrei anteriormente, em um artigo publicado em 20 de outubro do ano passado, na Alemanha da República de Weimar, dois partidos, o Partido Socialista Nacional dos Trabalhadores Alemães e o Partido Comunista Alemão, cada um a seu modo, carregavam a bandeira da revolução e da construção de uma nova Alemanha socialista. Ambos, depois de malogradas as suas tentativas de chegar ao poder por um levante armado, aceitaram apenas instrumentalmente a via parlamentar e a democracia representativa. Ambos eram partidos monolíticos, disciplinados, ideológicos, de militância permanente, de utilização da ação direta e da luta de massas contra a "sociedade burguesa e a liberal-democracia decadentes". Ambos eram partidos de base popular que recrutaram fortemente na juventude. No Reichstag eleito em setembro de 1932, a bancada nazista, seguida da comunista, era a mais jovem: 60% dos deputados nazistas (e também dos deputados comunistas) tinham menos de 40 anos. No Partido Social-Democrata, a proporção era de aproximadamente 10%. Na mesma época 42% dos membros do Partido

### Voto juvenil e democracia

Leônicio Martins Rodrigues

Socialista Nacional tinham idade inferior a 30. Um levantamento realizado na Saxônia, em 1931, revelou que, enquanto entre os social-democratas a porcentagem de membros do partido entre 18 e 30 anos era de apenas 19%, entre os nazistas ela atingia 61%, muito superior à proporção da população alemã nesta faixa etária que, na ocasião, era de 31% (2).

"Mas já antes do nazismo, o fascismo italiano recrutava intensamente entre a juventude, fazendo dela um dos símbolos do regime e da renovação. Em 1922, quando os fascistas italianos chegaram ao poder, a maioria dos seus ras tinha menos de 30. A Giovinezza, Giovinezza, canção de combate dos squadristi, exaltava, como escreve Tannenbaum, "o lançamento de granadas e o manejo dos punhais juntamente com a juventude, primavera de beleza" (3). Não se trata de uma especificidade do fascismo italiano e do nazismo alemão. Em todos os países, os movimentos de tipo fascista apoiaram-se amplamente na juventude, considerada uma fonte de regeneração da nação minada pelo liberalismo e pelo individualismo das antigas elites reacionárias. Também entre nós, para não fugir à regra, o integralismo foi um movimento de gente jovem. Como mostrou a pesquisa de Hélgio Trindade, em 1933, a maioria dos dirigentes e militantes integralistas locais tinha menos de 25 anos, enquanto três quartos dos dirigentes nacionais e regionais tinham menos de 30 (4). A mesma coisa é válida para o Partido Comunista do Brasil nas décadas de 1920 e 30, quando queria ser um partido revolucionário. Muito raramente um membro da direção do PCB tinha mais de 40 anos. Na maior parte dos casos, estava na casa dos 20. Canellas, quando delegado do PCB no VI Congresso

da Internacional Comunista, em Moscou, estava com 22 anos. Leônicio Basbaum, quando por sua vez representou o PCB no VI Congresso, tinha 22. Joaquim Barbosa, primeiro tesoureiro do Partido, quando assumiu o posto, tinha 25 anos (5).

"Mais recentemente, na China Popular, o terrorismo desencadeado pela Revolução Cultural, foi conduzido basicamente pelos jovens. No Irã de nossos dias, o fanatismo político-religioso baseia-se amplamente na mobilização da juventude."

No Brasil de hoje é difícil uma avaliação mais exata das consequências políticas e partidárias do aumento do peso das parcelas jovens no corpo eleitoral. De modo mais preciso, é difícil dizer quanto exatamente esse aumento afetará a distribuição de votos entre os partidos. Porém, pode-se estimar sem medo de erro que a recente medida aprovada na Constituinte tenderá a favorecer os partidos de esquerda. Na presente conjuntura, o partido que será mais beneficiado será certamente o PT. Esse partido, proporcionalmente, tem uma penetração mais forte na juventude do que os seus concorrentes. Esse fato tem sido comprovado por todas as pesquisas eleitorais. Dentro do PT os candidatos mais à esquerda é que deverão ser fortalecidos. Além disso, e também de modo geral, os políticos mais jovens deverão ser mais beneficiados, uma vez que estão mais próximos, em mentalidade e estilo de vida, dos eleitores mais jovens. Obviamente, o eleitorado das faixas de idade mais baixas terá maior dificuldade de se identificar com candidatos mais idosos.

Penso que a aprovação da extensão do direito de voto aos maiores de 16 está correlacionada com a diminuição da idade dos próprios deputados federais, e, de modo geral, de toda a classe política. Na atual Câmara Federal, os constituintes com cinquenta anos ou mais representam 35% do total. Se não tivesse havido a grande renovação da classe política nas eleições de 1986, provavelmente o atual Parlamento teria uma média de idade mais elevada e, conseqüentemente, seria menos propenso a ser tão generoso na extensão do direito de voto aos adolescentes.

### Pelo rádio e TV, eles "sabem das coisas".

— Se a gente já pode trabalhar, também pode votar. Com 16 anos, a gente já sabe das coisas. Todo mundo tem televisão em casa e fica sabendo do que acontece.

Se Luis Carlos Toledo, de 16, empacotador de um supermercado em Santos "sabe das coisas" pela televisão, não é o único. Segundo uma pesquisa da Estudos Marplan, feita no último trimestre de 1987 na Grande São Paulo, sobre os hábitos de mídia dos jovens de 15 a 19 anos (que representam 16% da população brasileira dos 15 aos 65 anos) é pelo rádio e da televisão que eles recebem a informação sobre o que se passa no País e no mundo.

Os futuros eleitores, num total de 98% em ambos os casos, ouvem rádio e assistem televisão; 60% lêem revistas; 57% vão ao cinema e só 30% lêem jornais. Rádio, eles preferem FM (92%) à AM (26%). No jornal, as seções mais lidas são as de divertimentos (40%), seguidas do noticiário policial (31%), esportivo (27%), nacional (26%) e local (25%).

Na televisão, eles gostam mesmo é de novela: 79% dos jovens de 15 a 19 anos, no questionário de múltipla escolha (onde se pode optar por mais de um tipo de programa) escolheram as telenovelas; 76% gostam de filmes, seguidos por humorismo (74%), musicais (68%), seriados (67%) e documentários (65%); 63% escolhem também noticiário geral e só 15% gostam de comentários ou entrevistas.

Os programas de rádio mais ouvidos são os de música popular (23%). Horóscopos e noticiário policial empatam nos 12% e 10% gostam de programas sertanejos. Na escolha por noticiário jornalístico e esportivo fica cada um com 8% e os programas religiosos são escolhidos por 7% dos jovens.

Em Belo Horizonte, vários jovens foram ouvidos ontem e em geral, gostaram da aprovação, pela Constituinte, do direito de voto aos 16 anos. Mas não acreditam que isso possa modificar a crise que o País atravessa. Como Paulo Roberto Cordeiro, de 15 anos, que trabalha na Assembléia Legislativa como contínuo. "Acho bom. Só que não deixaria de viajar para ir votar. E se for o caso, quero votar no partido que vai perder, porque corrupto nenhum vai ser eleito com meu voto".

O office-boy Luciano Santos, que desde os 12 anos trabalha em Belo Horizonte e mora na periferia da cidade, também não deixaria, "de jeito nenhum, de fazer um programa para ir votar. Agora, se fosse votar, escolheria o PT". Também no ABC paulista, de dez jovens entrevistados, oito preferem viajar, passear, namorar ou dormir no feriado da proclamação da República. Lúcia Maiata e Simone Pereira, as duas com 16 anos e moradoras de Santo André, responderam primeiro com risadas às perguntas sobre votar. Depois Lúcia disse que é contra o voto aos 16, sem explicar o porquê. Simone não sabia se era bom ou ruim. Para elas, políticos como Ulysses Guimarães e Orestes Quercia "são velhos" e política "é coisa que ninguém aguenta". Mas nos grêmios escolares da cidade a situação é diferente. Elizabeth Pupo Oliveira, de 16 anos, da Escola Técnica Júlio de Mesquita, acha bom poder votar, embora acredite que o voto de pelo menos 95% de seus colegas da mesma idade "sejam desperdiçados: as cabeças que não entendem que é o sistema que precisa mudar", disse.

No Rio o medo do futuro é o fator determinante do comportamento da população, jovem e adolescente. Esse é o resultado de uma pesquisa realizada pela MPM Propaganda, na segunda quinzena de janeiro deste ano, entre 400 entrevistados — de 15 a 24 anos — nas classes alta e média do Rio de Janeiro. Só 43% são otimistas em relação ao futuro e o pessimismo se acentua entre as moças e os menos jovens. São três os aspectos que parecem determinar esse pessimismo: 1) a violência urbana; 2) a péssima qualidade do ensino nas escolas e universidades e 3) a falta de perspectiva quanto ao mercado de trabalho.

A esperança de um "futuro garantido" está abalada pela violência; e pelo menos 57% deles colocam a Aids como tema de sua maior preocupação. Muito antes mesmo do que as preocupações políticas.